



Mateando Saudades

POEMAS E CONTOS

TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



***Telmo Mário
Dornelles Gosch,***

23/07/1946, é filho do alfaiate João Carlos Moreira Gosch e de Elvira Dornelles Gosch.

Do casamento com Margarete Scolari Gosch resultaram quatro filhos e sete netos.

Este Passo-fundense do Boqueirão, que ama o Esporte Clube Gaúcho e o Grêmio Futebol Portalegrense é Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Maria e pós-graduado em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade de Passo Fundo.

Reside há mais de 35 anos no antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, aonde desempenha atividades na Agropecuária.

- Deixei meu umbigo e minhas raízes enterrados no Boqueirão. Sou com imenso orgulho gaúcho de nascimento, amor e formação. O Pago habita minha alma, mas sou tocantinese de coração.

Dediquei-me a escrita tardiamente. Escrevo para matar as saudades de minha terra, de meu povo e de suas tradições, pelo prazer do brincar com as letras, palavras e rimas e pelo incentivo que recebo de minha esposa, de meus filhos, netos e amigos.



*Mateando
Saudades*

POEMAS E CONTOS

TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH



TELMO MÁRIO DORNELLES GOSCH

*Mateando
Saudades*

POEMAS E CONTOS

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
Apoio a Cultura

2019

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Nathalia Sabino Ribas

Capa: Foto do Autor

1ª Edição, Julho 2019

G676m Gosch, Telmo Mário Dornelles

Mat(e)ando saudades [recurso eletrônico] :
poemas e contos / Telmo Mário Dornelles Gosch. –
Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2019.

7,5 Mb ; PDF.

ISBN

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia. 3. Contos.
I. Título.

CDU: 869.0(81)-1/-34

CAPA

Homenagem à flora do Estado do Tocantins

Fava-de-Bolota - *Parkia platycephala*

Árvore símbolo do Estado.

Fotos do autor,

Árvores (seca e verde) fotografadas
na Fazenda Cajumate, Talismã - TO.





Ofereço:

A quem cultiva uma flor,
E quer o mar abraçar,
A quem tem olhar sonhador,
E estrelas quer apanhar,
A quem acredita no amor,
E suspira a luz do luar.

Dedico a:

Alcedina Gosch, Dina, minha tia,
madrinha de batismo e casamento,
amiga e conselheira, que nos deixou em 20/11/2015
ficam saudades, recordações e exemplos.



Prefácio

Mat(e)ando Saudades revela a alma do passofundense Telmo Gosch, primo querido. O primeiro da família a cursar faculdade, escolheu trabalhar com a terra, e até hoje dela conquista seu sustento. E da sua relação com a querência vêm também a inspiração e a força para contar suas histórias em forma de poesia.

Poesia, o que transborda do coração e que empresta colorido às memórias. Telmo nos oferece suas lembranças de infância, o encanto com a máquina de costura de seu pai, os causos do avô à sombra da taquaireira, as lendas e as narrativas farroupilhas de maragatos e chimangos. Fala também da tristeza da perda, da beleza das lembranças, da ausência no momento da partida e da fé no encontro.

Como ele mesmo afirma “a vida é sonho de amor”. E o amor está em todas as rimas e em todas as lembranças. Coração generoso, canta o Boqueirão e confessa o novo amor, o Tocantins amado, suas terras seus esteios.

O escritor lança ainda nesta obra seus primeiros contos, e nos apresenta a figura carismática de Maria Roncadeira.

Ao sorver suas poesias e seus contos, fui recompondo a imagem do jovem que conheci e do homem com quem compartilhamos tantos momentos e afetos. Re-

descoberta afetiva na beleza de seu trabalho. Em Mat(e)
ando Saudades Telmo se reencontra com Passo Fundo, e
nós, leitores, sua grande alma.

Boa leitura!

Abril de 2016

Carlos Alexandre Netto,

Professor Titular de Neuroquímica e Reitor da UFRGS



ÍNDICE

MAT(E)ANDO SAUDADES	13
DEUS NO BOQUEIRÃO	15
A MORTE DO ANTÃO	17
DESPEDIDA	23
ESPORA FARROUPILHA	27
HISTÓRIAS DE UM GINETE	31
LENÇOS.....	37
PINHEIRO DO PULADOR	
Lenços II	45
UMA CHINOCA FACHUDA	51
BENZEDEIRAS	65
UMBU e QUERO-QUERO	69
AO BALANÇO DO ESTRIBO	77
LENDAS.....	81
TEMPOS DA INVERNIA.....	87

A DESGRAÇA DO TONICO	
(Nos campos de Soledade).....	91
A DESGRAÇA DO TONICO II	
(Nos fundos do Boqueirão).....	97
PETIÇÃO.....	101
PELEIA	105
CAMBICHO.....	111
VELHO E CISMADO	
Rastros de um Sonhador.....	117
RECUERDOS	119

MAT(E)ANDO SAUDADES

Mateio só,
No alvorecer, na aurora,
Mateio ainda só,
Quando a luz vai embora.

Vejo ao nascer do sol,
As estrelinhas morrendo,
Mateio à noitinha no arrebol,
Quando estrelas vão nascendo.

Mateio com os passarinhos,
Que cantam e deixam o ninho,
Mateio à tarde ainda sozinho,
Pensando em teus carinhos.

Mateio quando se abrem as flores,
Mateio quando canta o galo,
Mateio sonhando com amores,
Amores dos quais sou vassalo.

Mateio desassossegado,
Pois meu amor foi embora,
Estou só, desorientado,
Só o amargo me consola.

Mateio, assim, em silêncio,
Lembrando-me de teu olhar,
Este lembrar é um suplício,
Pois continuo a te amar.

Quando a saudade resiste,
O chimarrão me consola,
Tenho o coração sempre triste
Preso em pequena gaiola.

Esta doentia devoção
Cerra minha sobancelha,
Para abrandar meu coração,
Chá de losna e arruda na orelha.



DEUS NO BOQUEIRÃO

Diz o velho ditado,
E fala quem é matreiro,
Que o povo do Brasil
Vive em eterno braseiro,
Só escapa desta lida,
Porque Deus é brasileiro.

Se brasileiro é Deus,
Tudo indica que é gaúcho,
Vivendo aqui na querência
E bendito em todo o mundo,
Não tem o que discutir,
Ele é de Passo Fundo.

Passo-fundense é o Senhor,
Com certeza e com razão,
Ele tem cruzado os pagos,
Com amor no coração,
Abençoando em afagos
O povo do Boqueirão.



A MORTE DO ANTÃO

A tarde seguia quente,
Quando chegou o João,
Dando um susto na gente,
Avisando a morte do Antão.
Morreu assim de repente,
Pescando no lagoão.

Arreiei então minha égua,
Botei as tralhas na aranha¹,
Segui o carreiro sem trégua
E me entranhei na campanha.
Cheguei após meia légua,
Levei erva, pinhão e uma canha.

Fui chegando meio sem graça,
A comadre chorava ao portão:
- Compadre veja que desgraça
E o que me aprontou o Antão,
Morreu cheio de cachaça,
Farreando lá no lagoão.

¹ Aranha - Viatura puxada por um cavalo, para uma ou duas pessoas.

- A canha passa, compadre!
Você sabe como é!
E eu com cara de padre,
Já querendo de ali dar no pé,
Quando confessou a comadre:
- Tinha chinas lá do cabaré.

Era china saindo e entrando
Da velha barraca do Antão,
Pescando, bebendo - fumando,
Farra grossa e descaração.
Vi até calcinhas secando,
Nos arbustos lá do lagoão.

Os campeiros iam chegando,
Das esporas soava o tinido,
Todos iam se ajeitando,
No rancho de chão batido,
A viúva se lamentando,
Dos cachorros eu ouvia o latido.

Os amigos choramingavam,
O tempo esfriou e chorou,
A cachaça eles talagavam,
A danada esquentou e alegrou,
Ao morto saudaram e gabaram,
Teve até chiru que rezou.

A noite foi ficando gelada,
E o morto queria oração,
Chamaram então dona Ada,
Que rezou, fez até uma canção,
A indiada foi lá pra calçada,
Tomar canha e comer meu pinhão.

Fim de reza, e o tempo passando,
O velório foi ficando animado,
Num canto um pinguço cantando,
E o Antão no centro deitado,
Na cozinha um grupo carteando
E um pandeiro já sendo tocado.

Ao pandeiro juntou-se um violão,
Num cantinho um casal namorando,
Uma gaita se abriu no portão,
E já tinha dois pares dançando,
No bochincho eu olhei pro Antão,
Que parecia sorrir para o bando.

O sol nasceu em aquarela,
Motivada pela cerração,
A viúva acendia umas velas,
Na beirada do tosco caixão,
E cochichava dela pra ela
O que servir ao povão.

Numa mesa escura sebenta,
Feita de pinho em tabuão,
Serviu café, ovo - polenta,
Para os amigos de sua paixão,
Fungando, solita, lamenta,
Triste! Triste é a separação.

Quando pregavam o caixão,
Com pregos enferrujados,
Arrancados lá do chiqueirão,
Eu fiquei triste, agoniado,
Pois vi meu compadre Antão
Com cara de peão emburrado.

O caixão foi ajeitado
Em cima de um carretão,
Os bois foram ajoujados,
Boi Mimoso e boi Azulão,
O Tonho foi encarregado
De acarretar o amigo Antão.

O trieiro era esburacado,
E o carroção não tava inteiro,
Tinha um eixo danificado,
De longe eu vi o desespero,
Quebrou-se o apoio avariado,
Bem em frente ao velho puteiro.

A velha carreta emborcou,
Derrubando o tosco caixão,
A tampa prum lado voou,
Vieram chinas de camisolão,
A viúva aos prantos chorou,
Vi sorriso no rosto do Antão.

Após desgosto e pranto,
O cortejo calado seguiu,
O Tonho, arrepiado de espanto,
Para a junta clamou e pediu:
- Vamos até o Campo-Santo,
O defunto pra mim já sorriu.

Ao baixarem o rude caixão,
Em humilde formalidade,
Apareceu anônima inscrição,
Num papelão, é verdade,
~~A~~qui jaz ~~A~~ntão da ~~P~~aixão,
Muito contra a sua vontade.

Este poema foi inspirado em ideia
do escritor e poeta - Miguel Guggiana.



DESPEDIDA

Ao meu pai,
João Carlos Moreira Gosch.

Estas palavras, em poesia,
De lembranças, de meu jeito,
Fiz em profunda agonia,
Arraigada está em meu peito.

As águas morrem na areia,
Os rios deságuam no mar,
O sangue corre na veia,
O som se perde no ar.

Tudo passa nesta vida,
Um dia tudo falece,
Faltou-me a despedida,
Só restou a minha prece.

Das lembranças, veterano,
Ficou aquela imagem,
Do giz marcando o pano,
Como se fosse uma viagem.

Já não ouço a tesoura,
Que corta como uma faca,
Com um som de roçadura,
Cortando peça de alpaca.

Não vejo mais o sorriso,
A máquina já não murmura,
O ferro passando liso,
A Singer já não costura.

O diploma está num quadro,
Aguilha, dedal e muleta,
Régua, trena e esquadro
Repousam numa gaveta.

Não se busca erva no mato,
Já não se colhe a marcela,
Fiquei muito triste, de fato,
Com aquele aperto na goela.

O alfaiate, qual peregrino,
Com Deus, partiu, foi embora,
Seguiu seu largo destino,
Só tristeza ficou nesta hora.

Acompanhei o desenrolar,
Perdido neste mundão.
Não pude lhe acompanhar,
Quando fez a transição.

Não deixou só saudade,
Deixou muito mais ao se ir,
Deixou amor e simplicidade,
Mil exemplos ao partir.

Sei que tive teu perdão,
Sabes que por ti eu orava,
Foi embora, papai João,
Sabendo que eu te amava.

Ao eterno você seguiu,
Sob céu claro, azulado,
Deixaste um grande vazio,
Estarei um dia a teu lado.

Quando chegar o momento,
Meu velho muito querido,
Vou te encontrar prazeroso,
Em luzes, num jardim florido.



ESPORA FARROUPILHA

Tributo aos Lanceiros Negros, Revolução Farroupilha 1835 - 1845

Tinha um quadro na parede,
De reconhecido pintor,
Eu deitado em minha rede,
Tarde de intenso calor,
Aquele quadro na parede,
Arte, matizes - vigor.

A natureza calada,
A tarde foi abafando,
Naquele tempo pesado,
O quadro eu ia mirando.
Fui ficando extasiado
E no quadro fui entrando.

Relato a viagem que fiz,
Como foi esta incursão,
O quadro cheirava a verniz,
Cheirava à revolução,
Mostrando a esse aprendiz
Nossa história - nossa tradição.

O quadro foi delineado
Com arvoredos ao fundo,
Num verde mosqueado,
Sob céu, azul profundo,
Um campo bem desenhado,
Em solo preto, fecundo.

Num plano aproximado,
Viam-se coisas da terra,
Um rancho todo enfeitado,
Uma tropilha na encerra,
Um cachorro acorrentado,
Foices, machado e uma serra.

Em frente a esta cena,
Três chirus destacados,
Um gaúcho de chilena,
Um militar desempenado,
Com espora nazarena,
E um ar determinado.

Num canto meio afastado,
À sombra de um branquilha,
À moda charrua montado,
Um negro em seu douradilha,
O crioulo era estampado,
Num trajar de andarilha.

O traje a “Deus dará”,
Sandálias de couro cru,
Poncho de lã – bichará,
Pardo como o inambu,
Vinha na cor manacá,
Chiripá de um preto anu.

A mão esquerda no olhar,
Mostrando sua desconfiança,
Como quem está a bombear,
Preocupado em segurança,
Sempre pronto a pelear,
Mão direita em sua lança.

Atento àquele espaço,
Observo com todo afinco,
Na vincha envolvendo o braço,
Torcida e cheia de vinco,
Há garranchos que eu traço,
“Lan Negros e o número 5”.

Ajeitei-me pra ir embora,
Para seguir a minha trilha,
Justamente nesta hora,
Junto à sandália em presilha,
Vi a Farroupilha espora
Construída em forquilha.

Uma espora farroupilha
Feita com arte grosseira,
Uma apontada forquilha,
Falquejada em madeira,
Que no tornozelo se atilha,
Pra não perder na carreira.

Retornei pra minha rede,
Com o espírito cansado.
Fica o quadro na parede,
Pelo lanceiro eu fui marcado,
Aplaquei a minha sede,
Daquele tempo afamado.



HISTÓRIAS DE UM GINETE

No fogo preta chaleira,
Num cepo vou chimarreando,
Uma fotografia na carteira,
Que a meu neto fui mostrando,
Me alembrou de uma carreira,
Como aqui eu vou narrando...

Em minha tordilha Pampa,
Viajava eu sem destino,
Changueando, à meia-guampa,
Vagando como um teatino,
Sempre tive boa estampa,
Em um corpo de menino.

Cruzei assim o meu pago,
Dormindo às vezes ao relento,
Churrasqueava com bom trago,
A doma era o meu sustento,
Das fêmeas eu queria afago,
Ginetear era o meu talento.

Numa manhã na alvorada,
Noticiou-me um cidadão
- Domingo tem carreirada,
Lá na raia do capão!
Corre a égua Encantada,
Com o Lampião do Simão!

Na cancha reta eu cheguei,
Numa tarde suarenta,
No bolicho me postei,
E fui pedindo água benta.
Um trago eu embiquei,
Sentindo o cheiro na venta.

A marvada ia tomando,
Dedilhando meu violão,
O povo se aproximando,
Tinha moço, tinha ancião,
Na trova fui perguntando:
- Quem aqui é o Simão?

A pinga me deixou quente,
Versejava de coração,
Apresentou-se um valente:
- Sou dono do Lampião!
E com jeito irreverente:
- Aqui me chamam Simão!

Fui largando o violão
E falei como se deve,
- Meu caro amigo Simão,
Sou um ginete mui leve,
Se eu montar teu alazão,
A carreira será breve!

- Minha filha é meu ginete
E atende por Estela,
Ela sofreu um acidente,
Quebrou braço e costela,
Preciso urgentemente
Substituir minha donzela.

- Chegaste na hora certa,
Serviço a combinar,
Minha filha é esperta,
Na raia vai te orientar,
Esta é a minha oferta,
E trate de lhe respeitar.

Apresentou-me a pequena,
Eu já fiquei encantado,
Era uma bela morena,
Dum elegante bronzeado,
Tinha o frescor da açucena,
Num corpo todo torneado.

Como grande compositor²,
Explicou-me tudo, então,
Postura no partidor,
E as manhas do Lampião:
- Se tu fores o ganhador,
Terás o meu coração!

Por volta da meia tarde,
Depois de tudo acertado,
Encantada e Lampião
Já estavam emparelhados,
Escavavam aquele chão,
Esperando o arrancado.

A largada foi parelha,
Levantando o poeirão,
A égua tirou uma orelha,
Cutuquei o Lampião,
Da Encantada vi a cernelha,
Dei rédeas ao alazão.

Nesta bruta disparada,
No rosto senti a poeira,
Para evitar a derrocada,
Minha vara de goiabeira,
Na anca uma estocada,
Pra vencer esta carreira.

² Compositor - no Pampa, chama-se o treinador/tratador de cavalos de compositor.

Meia raia percorrida,
Eu já tava emparelhado,
Senti a égua esbaforida,
E cheguei no seu costado,
Mantive minha batida,
Ouvindo o povo animado.

Passei a linha de chegada,
Aos brados de vencedor,
Desfilando pela estrada,
De Estela ouvi o clamor,
O juiz fez a sua anunciada:
- Ganha o alazão de fiador³.

Simão me deu um troco
E uma prateada fivela,
O dinheiro não foi pouco,
Não foi uma bagatela,
O que me deixou mais louco
Foi o beijo de vovó Estela.

³ Ganhar de fiador - significa que ganhou por diferença de cabeça, pois o fiador é a parte do buçal que passa atrás da orelha, na conjunção com o pescoço.



LENÇOS

Voltava de uma caçada,
Em noite de primavera,
Na friagem da madrugada,
Abriguei-me numa tapera,
Caiu então uma aguada,
Longa foi a minha espera.

A tapera era barreada,
Trelaçada em taquara,
Tinha uma banda queimada
Flores e ninhos de arara,
Que saíram em revoada,
Espantando o Malacara⁴.

Embaixo de uma mesinha,
Coberta por grossa poeira,
Junto a um ninho de galinha,
Vi restos de uma chaleira,
Garrafas de uma caninha
E uma grosseira algibeira⁵.

⁴ Malacara – Animal que tem malhas brancas desde a Parte anterior da cabeça até o focinho.

⁵ Algibeira/Embornaal – pequeno saco/sacola em tecido grosso, com alças.

O embornal era de lona,
Amarrado com um tento,
Tinha a cor da azeitona,
Mas pegajoso e sebento
Curioso como uma dona,
Abrir foi o meu intento.

Ligeiro puxei o tento,
Abri... fiquei admirado,
Um lenço branco, poeirento,
Preso a um lenço encarnado,
Manchado, sanguinolento,
Em nó firme, escoteirado.

Junto ao meu encontrado,
Para ler foi um problema,
Em papel grosso, judiado,
Interessante era o tema,
Escrito a lápis despontado,
Rascunho de um poema.

Tava escrito - te reconto,
Poema de anônimo autor,
Entranhado está no conto,
Pois também é seu ator.
Levo-te assim já de pronto
Prum caso do Pulador.

-Mataram o meu tobiano⁶,
De apelido galante,
Foi tiro de um Castelhanao,
O que me deixou infante,
Matei à facção o tirano,
Por diante, fiquei errante.

Naquela bruta matança,
Senti da luta o calor,
Foram guampaços de lança,
Nos campos do Pulador,
Naquela macabra dança,
Gritos - lamentos de dor.

Olhando pra todo lado,
Na cerração da fumaça,
Vi mortos e degolados,
Numa imensa desgraça,
Gaúchos despedaçados,
Apinhados naquela praça.

No silêncio do clarim,
Sai a pé, desgarrado,
Andei assim, meio assim,
Com olhar enuviado,
Grassava fogo no capim,
O ar tava empestado.

⁶ Tobiano – Cavalo com pelo escuro que apresenta grande manchas em geral brancas.

Na densa fumarada,
Perdi-me dos Maragatos⁷,
Fiz então minha retirada,
Dirigi-me para um mato,
Procurando camaradas
E água em algum regato.

Ali perto, ao pé da coxilha,
Vi Pica-paus⁸ se ajuntando,
Na fúria de uma matilha,
Com raiva, se organizando.
Esgueirei-me pela trilha
Ao capão me aventurando.

Mas percebi de imediato,
Os Pica-paus viram então,
Quando eu entrava no mato,
E ordenaram a um negão.
- Persiga aquele Maragato!
E não lhe dê condição!

⁷ Maragato – Revolucionário Federalista ou Partido da Revolução Rio-grandense de 1893 / 1923. Seguidores Gaspar Silveira Martins e de Gumercindo Saraiva.

⁸ Pica-paus – Eram chamados os combatentes seguidores de Júlio de Castilhos durante a revolução de 1893 no Rio Grande do Sul se opuseram aos maragatos.

Com ferimentos na mão,
Eu circundei um pinheiro,
Peguei meu bueno facão,
Vinha o negão no carreiro.
Aprimorei minha visão,
Era o Joca, o marceneiro.

Meu facão era em aço,
Cabo em osso e madeira,
Na lamina tinha traços
E o sinal de uma caveira,
A marca de um balaço
E uma bainha grosseira.

O forte e valente, negão
Era um colega mui querido,
Morador do Boqueirão,
De Pica-Pau tava vestido,
Vendo meu velho facão,
Ele ficou surpreendido.

Mesmo surpreso o negão,
De logo apeou do rosilho,
Joguei o facão no chão,
Em seus olhos eu vi brilho,
Abraçou-me de coração,
Como pai abraça o filho.

-Vamos até a sanga, amigo!
Para um palheiro fumar,
Teremos ali bom abrigo,
Dá até para conversar,
É bom estar aqui contigo,
Foi muito bom te encontrar.

Fumamos então o palheiro,
Mostrou-me bela pistola,
Relembramos mui faceiros,
Os nossos dias na escola
A carne sobre o braseiro,
A canha, a gaita e a viola.

Pedi então o meu lenço
De sangue todo manchado,
Tirou também o seu lenço,
Branco ruço, empoeirado,
Com costumeiro bom senso,
Deu um nó escoteirado.

-Levo este lenço comigo!
Pros companheiros olhar,
Não se inquietarão contigo,
Não voltam pra te campear,
Escuta bem o que eu digo,
É bom você se alongar⁹.

⁹ Alongar – afastar-se do local a onde se encontra.

Atravessei a pinguela¹⁰,
Tomei água do regato,
Usei de toda a cautela,
Saí pra fora do mato.
Ao longe numa capela,
Vi meu povo Maragato.

Depois de curtidas peleias,
O arrego foi assinado,
Numa noite de lua cheia,
Um xiru e seu recado,
Sob a luz de uma candeia,
Falou-me do Joca minguado.

-Ao chegar do alvoroço,
De tísica¹¹, tava baleado,
Quando partiu era moço,
Voltou tossindo e curvado,
Chegou ao fundo do poço,
Morreu sozinho o coitado.

Senti os olhos molhados,
Tristeza em meu coração,
Sentei-me triste, cansado,
Foi embora o Joca, irmão,
Mais um amigo tombado,
Qual garoa de verão.

¹⁰ Pinguela – Pequena ponte improvisada com troncos ou com somente um tronco, sem proteção.

¹¹ Tísica – tuberculose pulmonar.

O xiru¹² era animado,
Sujeito bom, serviçal,
Firme e determinado,
Desembruilhou um jornal
E sorrindo entusiasmado
Entregou-me um embornal.

No interior daquele saco,
Tavam os panos atados
Do Joca o lenço branco,
E o meu velho colorado.
Levei no peito um tranco,
Fiquei triste, abobalhado.

Um mês após sua partida,
Fiz visita ao Campo Santo,
Nesta triste despedida,
Levei comigo meu pranto,
Recordações de uma vida,
Um lenço branco - seu manto.

No túmulo em sua beira,
Sendo assim homenageado,
Plantei uma simples roseira,
Com belo galho enxertado,
Rosa Branca trepadeira,
E o enxerto avermelhado.

PINHEIRO DO PULADOR

Lenços II

Todo dia, quando o Patrão
Lança a luz e seu clareado
Ribomba um grande clarão,
Deixando o céu azulado,
O sol vira um grande lampião,
Eu campeio entusiasmado.

Sigo em poeirento carreiro,
Montado em meu alazão¹³,
Vou até o grande pinheiro,
Ao fundo de um lagoão,
Do sereno sinto o cheiro,
Num saco levo o boião.

Canha e boia para a gula,
Panela de tampa batedeira,
Que assusta a velha mula,
Que troteia mui faceira,
Na garupa, trempe e mala,
Naquela mansa carreira.

¹³ Alazão – cavalo com pelagem alazã. Cor de canela e pode variar em tons de castanho avermelhado.

Depois de vigiar o gado,
E uma cerca palanquear,
Do saleiro vejo o estado,
Tomo a pinga pra aquestrar,
Almoço solito e animado,
Vou ao capão¹⁴ sestear.

Deito-me sobre um pelego,
Embaixo de uma imbuia,
Curto o outono e o sossego,
Ajeito um amargo na cuia,
Ouço a voz de um córrego
E pássaros fazendo buía.

Ajeito-me para cochilar,
Naquela doce madorna,
Sinto a imbuia palpitar,
Em uma conversa morna,
Parece querer segredar,
Num som de bate bigorna.

O vento frio a murmurar,
Como levando a mensagem,
Eu encolhido a escutar
O balançar da ramagem
E a imbuia a conversar,
Com toda a camaradagem.

14

Capão –porção de mato isolado.

Ouço o pio de uma perdiz,
Da relva sinto o cheiro,
E a imbuia, tagarela e feliz,
Conversava com o pinheiro,
Que, como um velho juiz,
Respondia conselheiro.

- Por ser velho em idade,
Sete séculos e meio,
Nesta minha antiguidade,
De histórias eu tô cheio,
Conheço toda a verdade
Que cerca este rodeio.

Sou de um gênero altaneiro,
Bispo aonde a vista alcança,
Observo este tabuleiro,
Desde os tempos de criança,
Conheço este povo trigueiro
E as prosas da vizinhança.

Vi o índio comer o fruto,
Vi o missionário rezar,
Vi o branco resoluto,
Para estes pagos chegar,
O nascer do gaúcho astuto,
Que cresceu pra pelear.

As árvores balançam a saia,
Em gestos de concordar,
Erva-mate, bugre - uvaia,
Todas procurando falar,
Logo recebem uma vaia:
Deixem o pinheiro contar!

O pinheiro volta às falas,
Em compassada locução:
-Tenho até marcas de bala,
De guerra, lutas – revolução.
A coxilha¹⁵ lamenta e se abala,
Quando irmão combate irmão.

Nasci no chão do Pulador,
Plantado por uma gralha,
Vi choros e gritos de dor,
Naquela grande batalha,
Quando o ódio, em seu calor,
Fez o amor em migalha.

A amizade, pau sabão,
É sentimento consagrado,
Em minha raiz há um facão
Que na emoção foi largado,
Num abraço amigo – irmão,
Um lenço alvo e um colorado.

¹⁵ Coxilha – campo irregular com contínuas e pequenas elevações, paisagem típica do sul do Brasil.

Acordei meio assustado,
Pelo baque de uma pinha,
Despertei todo encantado,
Da conversa e ladainha.
O chão estava forrado
De sementes em caixinha.

Levantei assim devagar,
Tomei logo um chimarrão,
Resolvi então catar
Um poquinho de pinhão,
Foi quando eu avistei
O pedaço de um facão.

Nas raízes – enredado,
Tinha uma parte de fora,
Então com meu três listrado
O desenterrei sem demora.
Fiquei muito admirado,
Sem ação naquela hora.

Sentei-me na capoeira
Para limpar o achado,
Cabo em osso e madeira,
Um tanto deteriorado,
Na lâmina uma caveira,
Por bala tava marcado.

Espantei com o enredo,
Por tudo que eu passei,
Conversa de arvoredo,
Será que eu acreditei?
De falar tenho até medo,
O velho facão - beijei.

Beijei com todo fervor,
Cumpri a minha missão,
Chorei lagrimas de amor,
Por toda aquela emoção,
O pinheiro do Pulador,
Guardou-me o raro facão.



UMA CHINOCA FACHUDA

- Pois assunto você que mudou presta querência não faz muito.

Bispe, aquela dona rezando bem ali naquele sepulcro enfeitado com rosas, aquela é a Lurdinha. Tá orando no túmulo do pai, o Neco, e da mãe, a Ruth, conhecida por Nenê. Parece que chora por detrás daqueles óculos grandes e pretos como asas de anu.

O que vou te contar agora, meu xará, eu ouvi da boca de Dona Maria Roncadeira, numa noite de garoa fria, tomando café com bolinhos de chuva, na beirada do fogão, em sua casa, que tinha sido noutros tempos a Pensão Dona Maria. Escutei também da fala de antigos vizinhos e de amigos que vivenciaram os acontecimentos e que frequentavam a Pensão, lá naqueles tempos..., pois, afinal, a vida da Lurdinha foi assunto por este rincão durante muitos e muitos anos.



O Neco e a Nenê foram fazendeiraços ali para os lados do Passo da Areia, na Fazenda Pedra Branca, local de muita fartura. Plantavam para o gasto arroz, feijão e muitos legumes, criavam galinhas, porcos e ovelhas para as despesas. Como disse, tudo com muito gosto e

muita abastança. Agora, o forte mesmo era a criação de gado, uma gadaria bem tratada e mansa que vinha para a mangueira¹⁶ com um grito do Neco.

O Neco, nascido Manuel Trindade, era homem de bem, mas sisudo e de opinião, apalavrado, cumpridor de seus deveres e acostumado a não levar desaforo para casa.

Aos vinte anos, rapazito no mais, com lenço vermelho ao pescoço, botou muito chimango a correr nas refregas de 23. Seu maior orgulho era a adaga que recebera do pai, Francisco, que ganhara de seu avô, João. Adaga que na Revolução de 93, nas mãos do pai, andou degolando pica-paus nos campos do Pulador.

Embora miúdo de corpo e de certa forma humilde, era ligeiro, um tapejara experiente nas lides com o gado e de uma coragem sem limites. Se existe taura, ele foi um. A dona Nenê era uma dona de casa das melhores, cozinhando, lavando, passando, cuidando da casa e do galpão, o tricô e o crochê eram sua distração.

O casal com o passar dos anos, embora vivessem na abundância e na felicidade, não tinham herdeiros, e esse fato os entristecia, especialmente a Dona Nenê.

Resolveram ir atrás da alegria, de encher a casa de felicidade. Para tanto planejaram uma adoção.

Busca daqui, busca dali, e o Neco encontrou uma menina recém-nascida lá pras bandas de Carazinho, num rancho, na beira de uma sanga à sombra de um tarumã, na estrada que segue para Tamandaré.

A mãe da criança era uma mulata da roça, viúva de um italiano que morreu meses antes, na doma de um aporreado¹⁷. Ela tinha cinco filhos, doou a sexta.

¹⁶ Mangueira – estrutura de madeira para conter o gado – curral.

¹⁷ Aporreado – cavalo mal domado, cavalo a ser domado, cavalo que um domador não conseguiu domar.

Assim chegou à Fazenda Pedra Branca à menina à qual deram o nome de Maria de Lurdes, Lurdinha, para cumprir seu destino.

Logo, virou o chamego da casa, como aquele raio de luz que entra por uma fresta no rancho e transforma-se em mil cores. Tudo do bom e do melhor sempre foi para a Lurdinha, era os dengos do casal. O Neco se derretia carregando na garupa do alazão aquela moreninha de olhos azuis e cabelos negros presos num rabo de cavalo por debaixo da aba do chapéu.



A guria foi crescendo. Com oito pra nove anos esperava o Neco com o chimarrão na porta do galpão. Novinha já ajudava a mãe nas artes da cozinha, fazendo doces de laranja azeda e jaracatiá, compotas de pêssegos e figos, conservas de pepino, cueca virada, cuca e delícias mais.

O tempo passa e a menina, já na adolescência, transforma-se num feitiço de beleza. Veja, vancê, olhe bem, com a idade que ela tem não é fachuda? Se ela tirar os óculos, você é capaz de se ajoelhar aos pés de tanta boniteza, olhos azuis delicados como águas marinhas, pele aveludada como pêssego ainda no pé, que combinados com aquela boca vermelha e os cabelos negros azeviche fazem qualquer peão dobrar as pernas e suspirar de admiração.

Dona Nenê dava umas aulinhas para a guria, ensinou um bê-á-bá e a fazer umas continhas com grande dificuldade, pois a Nenê era mui pouco chegada às letras. O Neco, então, nem se fala, nunca pôde vota, e os documentos, todos, tinham a marca do seu dedão.

Daí, então, resolveram que a Lurdinha, na flor de seus dezesseis anos, devia seguir para a cidade, tomar

umas aulas particulares, pelo menos por uns seis meses, para aprender a ler, escrever e fazer as quatro operações. Não podia ficar como os pais: analfabeto e meio analfabeto.

- Pois veja, meu compadre, como é o destino. Parece que por esta decisão de dar alguma instrução à menina, começou a se desfiar a desgraça.

Maria de Lurdes foi morar na pensão da Dona Maria Roncadeira, mulher criada, forte e gorda. Maria, quando seesteava, roncava tanto que os passantes na rua se admiravam e sorriam ao ouvir aquele ruído que parecia o barulho de águas rugindo dentro de voçorocas em dia de tempestade.

A pensão da Roncadeira era mista, pensão familiar, com o quarto da rapaziada num lado e das moças no outro. A Lurdinha se instalou no último quarto, no fundo da casa, o melhor quarto, com o conforto que o Neco exigiu.

Pediram que a Maria zelasse pela filha. A cada quinze dias vinham visitá-la e lhe traziam alguns regalos da fazenda, doces, laranjas, bergamotas, queijos e rapadura, além de roupas lavadas e outras necessidades.

A beleza da Lurdinha logo assanhou a rapaziada, mas ninguém se atrevia, pois conheciam o Neco, e era melhor não mexer com marimbondo surrão.

De imediato ela começou a frequentar as aulas particulares na casa da professora Nair. Por sua beleza, chamava a atenção por onde passava, e dentre os admiradores estava o Antenor, filho do Coronel Anacleto.

Anacleto, Coronel Chimango, ainda mantinha o topete alçado pelas peleias de antigamente. Era proprietário de uma fazenda famosa ali pro rumo do Mato Castelhana, "Fazenda Mate Amargo".

Antenor era finório, estudou na capital, fez treinamentos e estágios e voltou como guarda-livros. Estava esperando a venda de uma boiada do pai para montar seu escritório. Seu sonho era seguir a carreira política.

O maleva¹⁸ assim que viu a Lurdinha, já pediu pra lhe acompanhar. Ela, na sua timidez de moça de fazenda, com olhos baixos mordendo a unha do polegar e com um sorrisinho de surpresa, concordou, e ele passou a cortejá-la diariamente na saída das aulas.

Iniciou-se um namoro. O Antenor começou a passar de pato a ganso, a menina foi se apaixonando..., e logo o sotreta com sua boa lábria começou a pular a janela do quarto da Lurdinha.



Depois do acontecido que ainda vou lhe contar. A Maria Roncadeira me confessou que apertou a moça por toda aquela desgraceira.

Maria de Lurdes contou que o Antenor era moço bem conversado, cheio de propostas, de promessas, e ela acabou se enrabichando.

Maria de Lurdes contou que o Antenor era moço bem conversado, cheio de propostas, de promessas, e ela acabou se enrabichando.

Envergonhada e chorosa, afirmou que ficou encantada com os modos do moço, com as roupas que vestia, umas fatiotas modernas de casimira nos dias mais

¹⁸ Maleva – que demonstra maldade, perverso.

amenos, em dias quentes roupas de linho, com camisas alvas e perfumadas, gravata borboleta e sapatos de qualidade. Tinha umas mãos macias de quem só usa caneta, cabelo longo e repartido no meio e um bigodinho de pontas torcidas.

Veja como as mulheres se prendem em coisas fúteis, sem importância, e daí já viu...

O Antenor era o oposto de seu pai. O Neco tinha na bombacha o seu traje costumeiro, lenço vermelho ao pescoço, que só tirava para dormir, botas, chapéu de aba larga, uma guaiaca adornada em prata sempre com aquela adaga, cabo de osso, longa e pesada, atravessada na cintura.

O pai tinha as mãos grossas do machado, da enxada, da cavadeira, tinha o perfume do campo, da lida com os animais, era tudo tão diferente..., e foi esta diferença, as promessas de casamento, de viagens pelo mundo, de uma casinha branca à beira da mata, tudo isso a deixou completamente encantada.



- Bueno! Voltando à situação do acontecido: Dona Maria roncava, mas tinha o sono leve. Ficou desconfiada com barulhos e cochichos estranhos na madrugada. Numa manhã, Lurdinha na aula, fez uma vistoria no quarto, encontrou um toquinho de cigarro, uma bituca, confirmou suas suspeitas e descobriu a safadeza.

Chamou o Zeca Carvão, seu afilhado, mandou que o piá pegasse emprestado o tostado do compadre Jesuíno e fosse levar um bilhete para o Neco: “Venha buscar sua filha, não quero compromisso”.

Como o Neco era analfabeto, pediu para o Zeca ler. Após ouvir uma leitura nervosa, ele pediu maiores

explicações, e o Carvão que falava mais que papagaio de bailanta de meretriz foi logo contando que a Lurdinha tava de namorado. Como tinha aquele frio na barriga que assola os que gostam de má querença, foi logo informando que o namorado era o Antenor, filho do Anacleto, e que andava nas madrugadas pulando a janela do quarto da Lurdinha. O Neco conhecia os dois sotretas.

- Pra que isso, meu amigo! Olhe a infelicidade se aprofundando...

O Neco enlouqueceu, com uma dor no coração que o fazia suspirar a todo o momento. Dona Nenê só chorava e arrastava a chinela pela casa. Nem a água para o chimarrão aqueceu naquela noite.

De madrugada o Neco e a Nenê se tocaram de aranha para a cidade, era um dia de sábado. Mesmo naquela tristura, a Nenê levava uns queijos, umas laranjas e umas bergamotas dentro de uma cestinha. Para passar o tempo e acalmar os nervos, foi descascando laranjas com uma faquinha para oferecer à Dona Maria Roncadeira.

- Você sabe as voltas que a vida dá, o diabo faz a panela, mas não ensina a fazer a tampa...

Chegaram à pensão por volta do meio-dia, sol a pino e, não é que por estas coisas que acontecem uma vez na vida e outra na morte, vêm descendo a rua o Anacleto e o Antenor?

- Parece coisa mandada. Seria o destino, a coincidência, a morte por ali rondando? Não sei...!

Mas o Neco, de pronto, foi encarando o Antenor. Falou com certa calma e com voz pausada:

- Já sabemos de tudo, vais casar com a Maria de Lurdes e é pra já!

O Coronel Anacleto atorou a conversa e disse com voz firme de comando:

- Eu já falei pra todo mundo que o meu bagual tá solto e quem tiver égua que prenda!

O Antenor enrolou o bigode e, olhando de cima pra baixo pro Neco, se prendeu a rir e num deboche foi falando, com aparente receio do pai.

- O senhor tá brincando! É bem capaz que eu vá casar com uma roceira, piguancha!

O pecado do Antenor foi não conhecer o Neco. Continuou naquela gargalhada que logo ia se transformar num gargarejo. Você sabe como é o barulho do gargarejo? Quando a gente trata da garganta com vinagre, sal e bicabornato. Pois foi esse o som que logo se ouviu.

O Neco, acostumado com as lides de curral, do mangueiro, afeito na ligeireza de quadrar o corpo pra escapar do chifre de algum boi brasino, puxou da velha adaga e numa ligeireza de admirar, foi puxando a meleana e degolando o desinfeliz como fizera sei pai lá em 94, nos campos do Pulador.

O riso virou gargarejo, sororoca. Pois o vivente, ou melhor, o morrente deu uns passos ligeiros pra frente e foi curvando os joelhos e caindo de encontro à roda da charrete. Ali ficou pendurado, com o casaco de linho e a camisa branca, perfumada, vermelhos de sangue.

Com a adaga em riste e os olhos vidrados de rai-va, o Neco foi se botar no Anacleto, mas o Anacleto não era homem de andar de adaga ou facão na cintura, para uma peleia das antigas, quando se cruzavam os ferros brancos e se morria com honra.

O Coronel, que tinha sido campeão de tiro no exército, puxou foi um trinta e atirou quase à queima-roupa. O Neco caiu, baleado no peito. O Anacleto se achegou, curvou-se, para terminar o serviço, quando ia

dar o segundo tiro, a Nenê com aquela faquinha de descascar laranja sangrou o maula no pescoço, na nuca, deu uma terceira estocada nas costas. O índio era duro e, mesmo trocando as pernas de encontro à morte, achou forças e atirou na Dona Nenê.

Quando o povo correu, naquele “acuda aqui! Ai meu Deus do céu!” Os quatro estavam mortos.

As laranjas, as bergamotas rolaram pela rua, uma parou em cima do sangue do Antenor. Um cachorro vira-latas lambeu o sangue da mão do Neco, o Carvão, com os olhos vermelhos de espanto, lhe pôs a correr com um laço, que o fez sair ganindo. E mais povo se achegou num burburinho de curiosidade, comentários e tristezas...



A Lurdinha passou uma semana fechada no quarto chorando. Não teve coragem de ir ao enterro dos pais, só conversava com a Maria Roncadeira, que lhe levava chás e bolachas e lhe dava algum conforto.

Mas veja, você, compadre! É como dizem por aí, desgraça pouca é bobagem.

Pois não há de vê que a Roncadeira tinha um irmão na capital, um trambiqueiro que pra lá tinha fugido pelas dívidas que tinha contraído: na bebida, no meretrício, nas jogatinas de carta, na rinha de galo, nas carreiradas e até no jogo de osso.

Pois esse calavera, de nome Valdireno, conhecido por Vado, era um perdido. Roncadeira muitas vezes o socorreu, caso contrário, poderia levar uns tabefes. Foi um alívio, quando ele se bandeou pra capital.

Na cidade grande o viciado continuou na gandaia, jogando, bebendo, cometendo toda a espécie de delitos, explorando mulheres, um proxeneta.

A Maria via na situação da Lurdinha uma possibilidade de emendar o Vado, afinal ela estava sozinha, órfã, bonita, prendada e tinha uma fazenda para ser gerenciada. Na situação em que se encontrava não arranjaria casamento por muito e muito tempo. A Roncadeira explicou a ela toda a situação e convenceu-a de conhecer o Vado. Mandou uma carta para o desavergonhado retornar.

Pelos esforços da Roncadeira, pela situação trágica da Lurdinha e pela matreirice do Vado, aconteceu o casamento.

- Meu caro, visitamos o Campo Santo, cumprimos nossa obrigação neste dia de finados, vamos nos sentar na sombra em frente daquele boteco, tomar uma cerveja e continuar nossa conversa!

- Mas olhe! Veja ali! Entrando no cemitério, aquela baixusca, gorda, que parece um cepo, cabelo louro, encaracolado, tá vendo? Pois aquela é a Maria Roncadeira, vai levando aqueles copos de leite, com certeza para a sepultura do Vado. Hoje é dia de encontrar o passado!

- Senta aqui, meu amigo, na sombra deste cinamomo. Guri, traz uma gelada pra nós! Traz também dois pastéis!



- Pois então..., parece que uma ave agourenta pousou no ombro da Lurdinha, devia ser um corvo negro, de longas garras, que com sua sombra maléfica e com ciúmes de sua beleza a condenava ao sofrimento...

O esperto do Vado alugou uma casa na cidade e lá instalou a Lurdinha, que ainda chorava pelos acontecidos.

Tomou conta da Pedra Branca, despediu os caseiros e, na primeira semana, vendeu os pequenos animais, galinhas, porcos, ovelhas. Vendeu também a ração, o sal, o arroz em casca, o milho e o feijão. Com esse dinheiro se manteve na farra e na jogatina por poucos dias. Chegava em casa bêbado e tratava a Lurdinha com arrogância e brutalidade.

O dinheiro acabou, e o Vado passou a vender o gado. Quando este findou, vendeu a terra.

Já de caso pensado, com uma parte do dinheiro, construiu uma casa, na saída da cidade, quem vai para Soledade, casa grande com seis quartos, ampla sala, cozinha e banheiros. Mobiliou-a com esmero.

Levou a Lurdinha para ali morar, quando ela reclamou que a casa era muito grande para manter, ele respondeu que ela limpasse e não reclamasse. Quando ela perguntou da venda da fazenda e onde estava o dinheiro, ele não respondeu, simplesmente lhe deu um soco no olho, encerrou o assunto, e ela ficou desmaiada.

Quando todo o dinheiro acabou, ele trouxe umas mulheres faceiras para a casa e mandou que a Lurdinha as gerenciasse, pois, a partir daquele dia ele queria que aquela casa lhe rendesse bom dinheiro.

Todo dia chegava de madrugada, cheirando à bebida, exigia a fêria do dia, se o dinheiro fosse pouco a Lurdinha apanhava, fato que a obrigava em algumas noites a se deitar com algum cuerudo¹⁹.

E assim se passaram meses, e os meses se transformaram em três anos de sofrimento. A Lurdinha, magra, machucada, desesperada, com olhos inchados e roxos.

Ela sonhava em mudar seu destino...

¹⁹ Cuerudo – destemido.

Numa madrugada, quando o gigolô, o malandro, o explorador chegou, trambalhando da cachaçada, cheirando a perfume barato, ela lhe entregou o dinheiro e lhe ofereceu um prato de comida, ele se negou a comer e lhe deu um sopapo no pé do ouvido que a derrubou, jogou a boia longe, foi para a cama e ferrou no sono.

Ele não lembrou que a Lurdinha foi criada no campo, acostumada com a lida, a rachar lenha com machado e que estava ferida tanto por fora como por dentro. Você sabe mulher magoada..., mulher machucada... é um perigo.

A Lurdinha buscou embaixo do fogão, na caixa de lenha, o machado, voltou ao quarto e desceu o olho do pesado na frente do Vado. Nem gemeu. O dinheiro que ainda segurava na mão caiu no chão, só correu um pouquinho de sangue pelo ouvido...

Quando amanheceu a Lurdinha mandou a putaia-da embora.

Chamou o Delegado, mostrou o seu corpo maltratado e cheio de equimoses e escoriações.

Chamou a Maria Roncadeira, que sempre lhe deu apoio e sofria junto com ela pelas maldades do irmão. A Maria olhou, se benzeu, ajoelhou, rezou um Pai Nosso, uma Ave Maria e um Credo e se dispôs a ajudá-la com as despesas do enterro.

O delegado Alípio das Neves ouviu-a, ouviu a Maria Roncadeira, pesquisou a ficha corrida do traste, tanto na cidade como na capital, fez exame de corpo de delito na Lurdinha e deu o caso por encerrado, como legítima defesa.

Em verdade, embora toda a papelada tenha corrido com certo segredo, o episódio vazou, e alguns conterrâneos passaram a chamá-la de "Lurdinha Machadinha".

Apelido que logo foi esquecido, arquivado, pois a Lurdinha começou um namoro sério com o delegado.

O delegado tinha chegado na região a pouco, vindo de Palmeira. Era homem estudado, simpático, mas não finório, firme, arrojado, desempenado, um Teba²⁰ respeitador e observador da lei.

Pois o Alípio viu nela não só a beleza que o Vado não viu e que o Antenor desprezou. Viu que além da boniteza ela tinha pureza na alma e bons princípios. O delegado não teve dúvidas: seis meses após o acontecimento estava casado com a Lurdinha.

Parece que com a morte do Vado. A ave agourenta se foi, levantou voo, buscou outros rincões.

A Lurdinha pelichou, arribou, ficou este mulherão que você viu, de uma beleza estonteante. Depois de tanto sofrimento parece que encontrou a felicidade.

- O caso hoje está meio que no esquecimento! Também, depois de vinte e cinco anos!

A gurizada nova não dá importância pra estes fatos, nem bombachas usam mais, chimarrão, poucos tomam, têm alguns que tomam o amargo, mas têm o desprante de aquecer a água num tal de rabo quente. Eu fico desacorçoado.

Quem lembra ainda chorosa daqueles tempos é a Maria Roncadeira, alguns velhos moradores da cidade e eu, que gosto de contar causos de antigamente, inda mais quando envolve um peixão daqueles.

²⁰ Teba – arrojado, destemido, valente.



BENZEDEIRAS

Tem praga lá na roça?
No gado alguma bicheira?
Cascavel ronda a palhoça?
Tem fogo na capoeira?
Uma ferida lhe coça?
Procure uma benzedeira!

Quem em sua meninice
Não padeceu com cobreiro,
Hoje tudo é modernice,
Tudo hoje é corriqueiro,
Mas eu falo em peraltice,
Quem foi piá teve cobreiro.

Tinha unha encravada,
Mas era feliz e arteiro,
Jogava bola na estrada,
Era lobinho escoteiro,
A perna sempre ralada,
E era bom cavaleiro.

Andava de bicicleta,
Banhava lá no açude,
Colecionava borboleta,
Jogava bola de gude,
Brincava fazendo treta,
Naquela doce inquietude.

Na hora de banhar
Perebas e machucados,
Cuidado pra não magoar
Aquele pobre coitado,
A mãe chegava a beijar
Aquele corpo judiado.

Deitava todo pregado,
A pele era só grosseira,
O dedão todo inchado,
Amanhã é sexta-feira,
Já tava tudo acertado:
- Tu vais é na benzedeira!

Minha rezadeira era preta,
Com a boca desdentada,
Usava perfume violeta
E um pito em fumarada,
Troçava e fazia careta,
Cantava e dava risada.

Do fogão vinha a cinza
Espalhada em uma bandeja,
Era então bem misturada,
Com galinhos de carqueja:
- Com este facão espada,
Vou cortar tua brotoeja!

O pé marcava a cinza,
Três vezes a ladainha,
A cinza o facão cortava,
Seis horas, de tardezinha,
O pé na cinza afojava,
Continuava a ladainha.

- O que eu corto?
- Cobreiro brabo!
- Corto a cabeça,
- Corto o rabo!

- O que eu corto?
- Cobreiro brabo!
- Corto a cabeça,
- Corto o rabo!

- O que eu corto?
- Cobreiro brabo!
- Corto a cabeça,
- Corto o rabo!

Para alcançar a cura,
Vinte e um dias esperar,
Não ter no peito amargura,
Três sextas-feiras voltar,
Crença, paz e abertura,
E na benzedeira confiar.

Toda benzedeira
Tem a alma bondosa,
Faz aquela rezadeira,
Por amor, por ser piedosa,
Não é uma feiticeira,
Sua fé que é poderosa.

Agradeço às curandeiras
Que em minha vida passaram,
Com a clemência de freiras,
Ser paciente me ensinaram.
Onde estão minhas benzedeiros?
Qual duendes, se afastaram!

UMBU e QUERO-QUERO

Saí de manhã carreteando,
Para vender melancias,
Vi as nuvens viajando,
Do vento ouvi sinfonias,
Os meus bois, ia tocando,
Fantasiando poesias.

Segui por um atalho,
A junta em passo moroso
Deixava marcas no orvalho,
Naquele solo lodoso,
Repicando ia o chocalho,
No pescoço do Mimoso.

Cruzei cristalina sanga,
No interior de uma mata,
A junta ao peso da canga
Beirava uma cascata,
O ar cheirava à pitanga,
Ouvi da água a cantata.

Era uma baita distância,
A junta não tinha trégua,
A bela e comprida pradaria
Alongando-se por uma légua²¹,
Para chegar ao meio-dia,
Nos bois eu passava a régua.

O almoço eu desejava,
Quando o sol tivesse a pino,
Com o Queimado eu gritava,
Para chegar ao meu destino,
A barba de bode eu cortava,
Com meu carroção peregrino.

O trieiro que eu sigo
Cruza por uma mangueira,
Foi casa de um velho amigo,
Uma construção grosseira,
Hoje um umbu²² é o abrigo,
Numa sombra de primeira.

²¹ Léguas – medida itinerária antiga de valor variável – légua geométrica - 6 km.; légua quilométrica – 4 km.

²² Umbu – *Pirennia Dioica* – Como o pinheiro e a figueira, é árvore símbolo do Rio Grande do Sul, conhecida também, dada a sua sombra, como árvore da hospitalidade.

Ladeando a mangueira,
Vejo o rancho abandonado,
Cercados por capoeira,
Com telhado arruinado,
Tendo ao fundo uma figueira
E um galpão velho inclinado.

Da carroça fui apeando,
Foi quando então percebi
Um velho se aproximando,
Eu quase que emudeci,
Vinha um cavalo puxando,
Minha mão lhe estendi.

Vinha do rumo da tapera
Aquela estranha figura,
Sua estampa era de cuera²³,
Nos cabelos só brancura,
Embora muitas primaveras,
Forte era a criatura.

Sentamos pra matear,
No tronco, bem recostados,
Nos prendemos a conversar,
Num papo longo, espalhado,
Ele tinha muito a contar,
Chiru velho, experimentado.

23

Cuera – gaúcho forte destemido.

Preparei um revirado,
Atento ao aprocchado,
Chiripá²⁴ de brim riscado,
Lenço branco acinzentado,
Chapéu empenachado,
Garrão de potro²⁵ o calçado.

Cavalo de rédea no chão,
Aperos em prata adornados,
Estribo pampa de botão,
Em atilhos de couro trançado,
Bainha, chaira e facão,
Tirador²⁶ macio - franjado.

Após tomarmos um trago,
A conversa foi retomada,
Abria os braços ao largo,
Argumentava e dava gaitada,
Pedi um fumo e o amargo,
Dos arreios sacou uma espada.

²⁴ Chiripá – vestimenta rustica, construída por tecido de mais ou menos um metro e meio que é passado por entre as pernas e preso na cintura

²⁵ Garrão de potro – Botas feitas com o couro da perna traseira de vacas, burros ou éguas.

²⁶ Tirador – espécie de avental de sola macia ou de couro cru, utilizada pelo laçador para proteger as calças ou a bombacha no ato de laçar os animais.

- Esta espada de cabo lavrado
É herança de meu velho pai,
Ganhou-a quando foi agravado,
Em peleias lá no Uruguai,
Usei-a de coração lavado,
Na Farrroupilha e na do Paraguai.

Prosseguiu o bate-papo,
Contando caso e aventura,
Do tempo que era Farrapo,
Tempo de grande amargura,
Quando conviveu com guapos
De histórica bravura.

Da tarde só tinha um fiapo,
E as melancias a esperar,
Perguntei então para o guapo,
Aonde ele queria chegar,
Pois afirmou ter sido Farrapo,
E mais de século acabou de passar

- Venho de um tempo avoengo²⁷,
Hoje chego do lado de lá,
Sempre fui um andarengo,
Já enfrentei o Boitatá²⁸,
Cachaceiro e mulherengo,
Tenho histórias pra conta!

²⁷ Avoengo – o que vem de um tempo antigo.

²⁸ Boitatá – Fogo-fátuo, emanações de hidrogênio fosforado, muito leve.

Quando entrei naquela guerra,
Era um chiru vaqueano,
Lutei neste chão, nesta terra,
Mesmo tendo avô castelhano,
Cruzo vales, coxilhas e serras,
Pra mais de duzentos anos.

- E como chegaste até aqui?
Responda, seja sincero!
- Eu venho de perto... Dali!
Olhou-me com ar severo,
Onde canta o bem-te-vi,
Quem me chama é o quero-quero.

Quando cruzaste a aguada
Um quero-quero grasnou,
Lá em minha morada,
Este canto me acordou,
Como o vento em rajada,
Transformei-me, aqui estou.

Apareço... Ele chamou,
Tenho por ele afago,
Foi gaúcho que tombou,
É sentinela do pago
Que por liberdade lutou,
É alma de um índio-vago²⁹.

Levantou, arrastando a espora:
- Passe para me visitar!
Desculpe minha demora,
Nos campos vais me encontrar,
Encontrar-me-á desde a aurora,
Até o sol se apagar.

Saiu então campo afora,
Chilenas³⁰ firmes a riscar,
Subiu a coxilha indo embora,
Na ânsia de quem quer voar,
Vi o voo nessa hora
E quero-querros a gritar.

Foi um momento tão raro,
Chego a me arrepiar,
Ver o andejo em pássaro
Voando se transformar,
Num jeito de desamparo,
Piando, querendo falar.

Meus velhos bois ajoujados,
Deixei o umbu, fui andar,
Carretei, assim, assombrado,
Esperando o dia clarear,
O inusitado me foi revelado,
Só me resta pras almas rezar.

30

Chilenas – espora com rosetas muito grandes em forma de serrilha.

Este poema inspira-se, também, em *A Lenda do Quero-Quero*, de *Glaucus Saraiva* [Às vezes, na noite escura, Como um grito de amargura, estridula seu cantar... É a alma de algum gaúcho, que, num último repuxo, se levantou pra pelear!].



AO BALANÇO DO ESTRIBO

Campereando no cerrado,
Guardo o estilo gaúcho,
Montado em meu gateado³¹,
Que apelidei de cartucho,
Ao rancho chego cansado,
Mas aguento o repuxo.

Descanso arreio e apeiros³²,
Numa forquilha de aroeira,
O guaiepeca chega ligeiro,
E deita junto à cadeira,
Do amargo sinto o cheiro,
Chia a água na chaleira.

O estribo em loro de tento,
Com sua cor prateada,
Balança ao sabor do vento,
Hipnotizando minha olhada,
Cochilo e sonho em alento,
Tenho minha vista pesada.

³¹ Gateado – Cavalo de pelo amarelo avermelhado que tem lista escura da cernelha a cauda.

³² Apeiros – Arreamento completo ou parte dele.

Neste sonho, nesta viagem,
Vejo a pampa e o cerrado,
Na retina tenho imagem
Do calor em sol dourado,
Da coxilha, da friagem,
Num enredo embelezado.

Em minha terra natal,
De tradição farroupilha,
O vento ondula o trival,
Mesmo no frio o sol brilha,
Majestoso é o pinheiral,
No horizonte, na coxilha.

No tempo que fluem amores,
Há hortênsias em Gramado,
Do chão desabrocham cores,
O branco, o roxo, o azulado,
Fica um perfume de flores,
O pago fica enfeitado.

Ouçõ no sonho as cantigas
Entoadas nos galpões,
Vejo aquelas danças antigas,
As rancheiras e os vanerões,
Dançam peões e raparigas,
Ao som de gaitas e violões.

No carijo³³ vi fumaça,
Do churrasco senti o cheiro,
No alambique a cachaça,
Sinto o calor do braseiro,
Degustei vinho na taça,
Carne boa é de cordeiro!

Olho o estribo, agora lento,
Que balança já aprumado,
Mantém meu encantamento,
Vejo o presente e o passado,
Volto a viajar sonolento,
Num clima agora abafado.

A terra que me acolheu
É um jardim encantado,
Aqui me sinto mais eu,
Neste mundão do cerrado,
Meu ser aqui se aqueceu,
O sol já nasce encarnado.

Embora o sol em lampião,
A beleza aqui me intriga,
Nas terras do Jalapão,
Vejo as águas da Formiga,
Vejo os fundos do Cantão,
Onde bicharada se abriga.

³³ Carijo – armação de varas a onde são depositados os fardos de erva mate para o sapeco.

Nas praias do Araguaia,
Capivara, paca - jacaré,
Miro pescas de azagaia³⁴,
Pintado e tucunaré,
Olho o voo da jandaia,
E a desconfiada caboré.

Neste Tocantins amado,
De veredas em buriti,
Vejo o capim-dourado,
Buchada e chambari,
Noites em luar prateado,
Estrelas em cor rubi.

Retornei deste volteio,
Saí do transe energizado,
Foi bom este devaneio,
Sinto-me reconfortado,
Minhas terras, meus esteios,
Me orgulho de meus Estados.

LENDAS

Os netos jogavam carteadado,
À sombra da taquaireira,
O sol vermelho dourado
Viajava atrás da amoreira,
Eu que chequei cansado
Na mão trazia a mateira.

Os netos me rodearam:
- Vovô, venha aqui jogar!
- Agora eu tô fatigado,
O que eu quero é chimarrear!
- Vovô, o jogo é acabado...
Venha um causo nos contar!

Que causos vocês querem?
Deem-me uma sugestão!

- Para estes frouxos tremerem,
Quero um de assombração!
Quero ouvi-los então dizerem
Que não temem a escuridão!

Bueno, bueno... chega de buia!
Vamos ao caso, deem-me a cuia!

Mês de agosto, sexta-feira,
Treze do mês era o dia,
Vinha eu numa carreira,
Para buscar mercadoria,
Amassava a capoeira,
Minha égua Ventania.

A égua eu atropelava,
Fugindo de um temporal,
Na carreira ela pulava,
Por cima do capinzal,
Ao longe eu avistava
A figura de um casal.

O tempo foi amainando,
A lua cheia se acendeu,
Do trovão fui me afastando,
A natureza emudeceu,
Ao casal fui me achegando,
E a surpresa me bateu.

O homem vestido em preto,
As mulas, negra e castanha,
A mulher, sorriso secreto,
Ao passito o acompanha,
Os dois queriam ser discretos,
Mas transpiravam artimanha.

Meu laço seguia de arrasto,
Na cor prata – araçá,
A argola fazendo rasto,
Para espantar o Boitatá³⁵,
Que habita naquele vasto,
Assim como o Anhangá³⁶.

Cheguei tarde ao bodegão,
Proprietário meu compadre,
Pedi canha e um chimarrão
E um carreteiro pra comadre,
Sob as luzes de um lampião
Ao fundo sentava um padre.

³⁵ Boitatá – significa, em tupi-guarani, cobra de fogo - Fenômeno do fogo-fátuo. O Boitatá, segundo as lendas, é uma cobra de fogo que protege campos e florestas contra as queimadas.

³⁶ Anhangá - nome dado pelos índios aos espíritos que vagavam pela terra após a morte. Podia assumir qualquer forma, porém a mais famosa era a de um veado de olhos de fogo e com uma cruz na testa. Segundo algumas lendas, é o protetor da caça, protegendo os animais contra os caçadores.

Ao assobio do vento frio,
O casal foi se achegando,
Senti na nuca um arrepio,
Ouvi um cão esganiçando,
Um gato bufou longo mio,
Arrepiou e saiu pulando.

Sentaram em pequena mesa,
Chamaram logo a comadre,
Pediram boia e sobremesa,
Cumprimentaram o compadre,
A mulher fingiu surpresa,
Vendo ao fundo o jovem padre.

Lembro como se fosse agora
Aqueles momentos de tensão
Rodei no chão minha espora,
Risquei o assoalho do bodegão,
O padre olhava para senhora,
Que correspondia com paixão.

Olhares a se cruzar,
Num namoro velho – antigo,
Passei o homem a observar,
Sentindo no ar o perigo,
Com o compadre fui cochichar,
- Isso tá me cheirando a jazigo!

O compadre batia um ovo,
Mexendo com duas colheres:
-Este peão tem jeito de corvo!
Falou levantando os talhares:
- Este homem é filho mais novo,
Vem depois de sete mulheres.

Cerveja ele ia tomando,
Calado com jeito de mudo,
O palheiro continuava fumando,
Com trejeito bem carrancudo,
Com cuidado eu fui lhe espiando,
Tinha as mãos e o pescoço peludos.

A noite deslanchou,
E foi passando a hora,
O padre então desconfiou,
Levantou, piscou, foi embora,
A coruja no arvoredado chilreou,
Arrepiando bodegueiro e senhora.

O vento continuava a rugir,
E o sino às doze badalou,
O homem se erriçou a ganir,
Porta afora ele se mandou,
Na encruzilhada começou a latir,
Em Lobisomem³⁷ se transformou.

³⁷ Mula-sem-cabeça - criatura folclórica brasileira, seria a forma que toma a amante de um sacerdote.

A mulher o acompanhou,
Quem namora padre, não esqueça,
Na encruzilhada se transformou
Numa Mula-sem-cabeça³⁸,
Muito fogo vomitou,
Naquela noite espessa.

- Para onde eles foram, vovô?
- Fugiram com grande destreza
Pros fundos deste platô,
Há quem diga com certeza,
Ela mora nos campos do avô,
Ele vive pela redondeza.

- Vovô e o Boitatá?
- Onde está o Anhangá?
- Andam pela natureza,
Moram num jacarandá,
Preservam nossas belezas,
Fazendo o seu bafafá...

A netinha, linda, sorria,
Abraçou-me entusiasmada,
Falando com euforia:
- Amanhã nos conta de fada!
Meu coração na alegria
Ficou leve dando risada.

³⁸ Lobisomem - personagem do folclore brasileiro. Monstro que mistura as formas humana e de lobo.

TEMPOS DA INVERNIA

Ontem - Dias de ventania,
Garoa, geada, cerração...
Tempos de invernía,
Pipoca, café, chimarrão,
Harmonia e alegria,
Em torno do velho fogão.

O fogão aquecia a casa,
Alegrando a prenda e o guapo,
Vomitava aos pés muita brasa,
Embalando com vinho bom papo,
Em vasilha prateada e rasa,
Guloseimas sobre um guardanapo.

A cozinha dominava o ambiente,
De tudo ali acontecia,
Naquele local envolvente,
O gato num canto dormia,
O papagaio palreava estridente,
Lá fora o vento tremia.

À noite tinha serão,
Ponche³⁹, bichará⁴⁰ – chapéu,
As mulheres traziam pinhão,
E meninos o seu escarcéu,
Namorados cochichavam então,
Prometendo um pedaço de céu.

Causos e lendas se entreveravam,
Poemas, anedotas, animação,
As notícias se retemperavam,
Radionovelas motivavam a ilusão,
Velinhos nos cantos murmuravam,
Numa reza com terço na mão.

A alegria se fazia presente,
Quando ouvíamos o som de violão,
O ambiente ficava mais quente
Com licor, chocolate e quentão,
As moças cantavam pra gente,
Nas sombras de antigo lampião.

³⁹ Ponche ou poncho – vestimenta utilizada para proteção contra o frio e contra o vento, sobre outras roupas, feito em teares com lã de ovelha.

⁴⁰ Bichará - poncho de lã grosseira normalmente nas cores branca e preta.

Hoje - Jovens abandonados,
Sem família, sem educação,
Doentes desesperados,
Sem saúde, sem internação,
Pobres discriminados,
Por políticos, por corrupção.

Saudoso e desorientado,
Confesso minha desilusão,
Vou pra casa desacorçoadado,
Com marcas em meu coração,
Em meu rancho, ar-condicionado,
Sofá velho e uma televisão.





A DESGRAÇA DO TONICO (Nos campos de Soledade)

O galpão era em pinho,
Já velho acinzentado,
No fundo tinha um quartinho,
Um lugarzinho ajeitado,
Vovô tinha ali seu ninho
E poetava inspirado.

No interior de uma gaveta,
Marcada por um emblema,
Achei pequena maleta,
Onde encontrei um poema,
O envelope era violeta,
Com cheiro de alfazema.

O poema que eu relato
É um fato cristalino,
Vovô traçou um retrato
Deste cuera teatino⁴¹,
Eu fiquei estupefato,
Foi danado este menino.

⁴¹ Teatino – cavalo sem dono, pessoa que anda fora de sua Terra, longe de sua querência, como animal sem dono.

Este fato aconteceu
Nos campos de Soledade,
Tonico era o seu nome,
Tava em plena mocidade,
Um barbeiro de renome,
No interior e na cidade.

Gostava de bom cavalo
E da vida libertina,
Canha, tava, rinha de galo
E visita pras "meninas",
Chegava tirando o talo,
Dançando com qualquer china.

O Tonico solto andava,
Não sabia sossegar,
Se duas barbas, cortava,
Já o dinheiro ia gastar,
Com as "gurias" transava,
Ou bocha ia jogar.

Num domingo, dia ocioso,
Montado em seu alazão,
De apelido Garboso,
Manso de rédea no chão,
Era por isso famoso,
Em todo aquele rincão.

Na bodega do Chiquinho,
Lá se paga e não se afrouxa,
Ele desafiou o Chumbinho,
Para um jogo de bocha,
Regado com muito vinho,
Jogo de mano - arrocha.

Perdeu uma após a outra
E o garrafão foi secando,
Foi ficando envaretado⁴²
Com quem ficava peruando,
Já estava embaletado⁴³,
Quando a tarde foi chegando.

Perdeu todo o dinheiro
E continuou apostando,
O Chumbinho, mui faceiro,
A roupa foi empilhando,
Num lance muito certo,
Até as botas foi tirando.

O homem fica enfrascado²,
Quando a frente lhe estala,
O Tónico tava pelado,
Só lhe restava o pala,
Um carpim todo embaletado
Que parecia uma tala.

⁴² Envaretado – aquele que perde a linha, fica nervoso, fica sem jeito
⁴³ Embaletado/enfrascado/tchucu – bêbado, borracho.

Não quis jogar o cavalo,
Por tchuco² e por vergonhoso,
Enrolou-se no pala ralo
E foi atrás do Garboso,
Trôpego e no embalo,
Encontrou o pingo brioso.

Tava ele num corredor,
Elegante qual maestro,
O carpim do jogador
Protegia o pé destro,
Este pé, o perdedor,
Apoiou no estribo sestro.

Como tava engolesmado,
Fez-se toda a confusão,
Boleou o pé esquerdo
E montou na contramão,
No pala todo enrolado,
Via o rabo do alazão.

Batia o queixo, entanguido⁴⁴,
E o alazão fez a jornada,
O vinho o mantinha erguido,
Pra delícia da piazada,
Foi no trecho perseguido,
E o povo dando risada.

O pingo era obediente
E conhecia o carreiro,
Seguiu então novamente,
Como quem conhece o cheiro,
E foi parar reverente,
Lá na porta do puteiro.

Abrigaram o retaco⁴⁵,
Sorria-lhe agora a sorte,
Cheirou sal de amoníaco
E lhe deram café forte,
O Tónico estava fraco,
Gelado quase à morte.

Acordou ressaqueado,
Junto a uma china fogosa,
Sentiu-se um desgraçado,
Vestindo calcinha rosa,
De batom tava pintado,
Trajando canga cheirosa.

Malquerença é mosca no mel,
É como praga de madrinha,
Juravam que o Nico, no bordel,
De galo passou a galinha,
Desfilando prum coronel
De pantufa e de calcinha.

45

Retaco – pessoa de pequena estatura, atarracado.

A vergonha, meu irmão,
Foi a maior deste mundo,
Em grande desilusão,
Em desespero profundo,
Sumiu com seu alazão,
Pras bandas de Passo Fundo.

Este poema foi inspirado em ideia
do poeta e escritor Miguel Guggiana.



A DESGRAÇA DO TONICO II

(Nos fundos do Boqueirão)

Afirmam...

Que cachorro ovelheiro,

Só matando.

Daí...

Vovô poetou uma parte,

A segunda parte é comigo,

Vovô escreveu com arte,

Com arte também eu sigo,

Vovô era um baluarte,

Eu apenas lhe persigo.

Depois de muita maldade

E de tanta confusão,

Perdeu toda a amizade,

Sofreu até agressão,

Tonico deixou Soledade,

Montado em seu Alazão.

Fugiu para Passo Fundo,
No meio da escuridão,
Um Tônico bastante arisco,
Chegando à depressão,
Entrou levantando cisco
Nos fundos do Boqueirão.

A barba deixou crescer,
Mudando sua identidade,
Barbeiro voltou a ser,
Bem no centro da cidade,
Queria amadurecer
E manter a sobriedade.

Mas cachorro ovelheiro...
Você sabe, só matando,
Busca mulher pelo cheiro,
Seja de graça ou pagando,
E o Tônico, mui ligeiro,
Aos cabarés foi se achegando.

Numa sexta-feira, vaidoso,
Pilcha nova foi botando,
Encilhou o pingo Garboso
E saiu se refestelando,
Suspirou todo amoroso,
Prum cabaré foi troteando.

Ao chegar à luz encarnada,
Ouviu o som de pandeiro,
A entrada estava cerrada,
Mas alegre estava o pardieiro,
Ao espancar a porta fechada,
De fêmeas sentiu o cheiro.

- O recinto está fechado,
Quem manda é autoridade,
Aqui só entra fardado,
Segure tua ansiedade,
Seja um moço educado
E preserve tua mocidade.

- Menina de olhos de mel,
Quem é esta autoridade?
- É o Coronel Manoel,
Que chegou de Soledade!
Ficou branco qual papel,
Tremeu como um covarde.

À mente lhe veio a visão
Da pantufa e da calcinha,
Dum vago som de violão,
Canto, riso e ladainha,
Um longo rinchar do alazão
E aquela cama fofinha.

Montou no bravo corcel,
Na noite enluarada,
Saiu num baita tropel,
Empoeirando a estrada,
No randevu o coronel,
Dançava e dava risada.

Com desconfiança eu fico,
Não posso passar por cego,
Queria calar o bico,
Pois maledicência eu não rego,
Mas temo que o Tónico
Foi tábua que aceitou prego.



PETIÇÃO

Quando versos eu pealo,
Quando palavras eu atijo,
Me alembro de um cavalo,
Em verdade de um petiço.

Este potro afamado,
Vi-o na beira de uma mata,
Local fresco e sombreado,
Ao pé de bela cascata.

Os netos tomavam banho,
Em algazarra e festa,
Vimos o petiço castanho,
Com uma estrela na testa.

Alvoroço, torvelinho,
A criançada a pular:
- Vovô, compre o cavalinho,
Nós queremos cavalgar.

Se seu porte era pequeno,
Tinha um andar elegante,
Temperamento sereno,
Pelagem lisa, brilhante.

Rapei a minha guaiaca,
Atendendo ao clamor,
Foi dinheiro de uma vaca,
Mas fiz tudo por amor.

Comprei aperos ornados,
De couro fino trançado,
Um peitoral prateado
E pelego avermelhado.

Nas férias, longa jornada,
Grande era o rebuliço,
Divertia-se a piazada
Montada no seu petiço.

Troteavam tirando o talo,
Levantando o poeirão,
Espantavam até o galo
E os porcos do chiqueirão.

Tangiam vacas tambeiras,
Junto ia a guaiecada,
Sentavam na capoeira
Cantando e dando risada.

Faziam grande carreira,
Pescavam no alagadiço,
Brincavam naquela beira,
Banhavam ali o petiço.

Ele conhecia o pago,
Era um cavalo vaqueano,
Apelidou-lhe um índio vago
De pequeno Pé de Pano.

Os netos foram embora,
Todos viraram doutor,
O petiço não chorou,
Mas eu senti sua dor.

O pequeno Pé de Pano
Deixou-me reminiscências
De um cavalinho paisano
E dos netos na querência.



PELEIA

O boteco que eu frequento
Tem o formato de taba,
De madeira e de cimento,
Coberto com piaçaba.

Neste boteco crioulo,
Ajunta-se uma indiada,
Num ambiente meio chucro,
Na beira de uma estrada.

A cangebrina ao natural
É servida num balcão,
Naquele sabor sensual
Que afoga ódio e paixão.

É um ambiente rasteiro,
Mas bastante procurado,
Por carreteiros - tropeiros,
E pinguço desacorçoado.

Nos sábados, companheiro,
Às luzes de lamparinas,
Apresenta-se um gaiteiro,
E se aproximam as chinas.

Onde tem mulher faceira
E a caninha é largada,
Estranha-se a bagaceira
E já partem pra bordoadá.

Foi isso que sucedeu,
Lembro, fico até com pena,
Quando o campeiro Alceu
Buliu com bela morena.

Mesmo estando no abandono,
Tereza era da flor a beleza,
Mas aquele que foi seu dono
Olhou o Alceu com frieza.

Foi então se aproximando,
Tendo no olhar a rudeza,
O facão desembainhando,
Tudo com muita destreza.

Mas não conhecia o Alceu,
Índio vago e corajoso,
Era escuro como o breu
E na peleia, perigoso.

No descer do ferro branco,
O Alceu se esquivou,
Pegando na perna um banco,
O Tenório ele acertou.

A pancada foi na boca,
A dentadura quebrou,
Sentindo a cabeça oca,
O Tenório trambalhou.

Caiu num canto amontoado,
Sobre seu velho facão,
Entrou no enredo o cunhado,
De apelido Zoião.

O Zoião bateu no Alceu,
Com uma mão de pilão,
O frege se assucedeu,
Armou-se a confusão.

O Alceu ficou caído,
Mas seu irmão se achegou,
Era um peão atrevido
E no Zoião se botou.

Cuspiu pra longe o tabaco
E a adaga lhe enfiou,
Cortou-lhe fundo o sovaco,
O zoião sequer piou.

A briga ia avançada,
E o povo foi ajuntando,
Lá dentro, só cacetada,
E o chinaredo gritando.

O padre Faria Caldeira,
De madrugada, ia passando,
Sacou de uma cartucheira
E dois tiros ele foi dando.

Correu macho, correu guria,
Mandaram-se pra capoeira,
Só ficaram o Padre Faria,
E a Tereza, mui trigueira⁴⁶.

Entraram ouvindo gemidos,
O chão estava coalhado,
Além dos três feridos,
Tinha mais dois degolados.

Socorreram os machucados,
Água-benta no Zoião,
O religioso rezou calado
E lhes deu a extrema-unção.

⁴⁶ Trigueira – Morena, cor do trigo, olhos ligeiros, esperta.

O vigário tomou um trago,
Tereza também tomou,
Trocaram um olhar vago,
Um calor lhes assaltou.

O casal ficou arrepiado,
O olhar se embaciou,
Mas um vento frio, gelado
Todo o calor lhes roubou.

Suspiraram nesta hora,
Naquele momento louco,
Caldeira diz - vou embora,
Tudo o que é bom dura pouco!

Tereza ficou abanando,
Naquele dia castanho,
O padre se foi rezando,
Em busca de seu rebanho.



CAMBICHO

Despedia-se a lua prateada,
O sol se abria em bom dia,
No lusco-fusco da estrada,
Montando a égua Alegria,
Que troteava cadenciada,
Janguta, tristonho, sofria.

O índio era um taita⁴⁷,
Mas tava, como se diz,
Cortado de alça de gaita,
Cansado, borracho - infeliz,
Fantasiando com a sirigaita,
Pensando na meretriz.

Folhas com gotas de orvalho
Choravam tal qual carpideira,
Sentia-se um velho paspalho,
Aos pés de uma gameleira,
O seu coração tinha um talho,
Cicatrizes de china traiçoeira.

47

Taita – indivíduo destemido, guapo.

Viajou... com o pensamento,
Para o bordel da Setembrina,
Quando chegou lá, sedento,
E viu a bela Marcina,
A paixão chegou com alento,
Coragem, só com cangebrina.

Dura foi a decisão,
Na casa da proxeneta,
Sendo ele um sessentão
E ela uma borboleta,
Temia que por aquela união
O vissem como boi corneta.

Prometeu então pra guria
O céu a terra e o mar,
Tirá-la das noites de orgia
E um rancho lhe ofertar,
Felicidade, amor e magia,
E um dia lavá-la ao altar.

Deu uns pilas pra Setembrina
E a guria ele foi carregando,
Andarilho em busca da sina,
Para o rancho seguiu troteando,
Cortando a friagem e a neblina,
Na estrada feliz e cantando.

Inverno de amores calientes,
Do anoitecer ao raiar do dia,
Atulhou-a de presentes,
Muito mais do que merecia,
Janguta não foi prudente,
Gastou mais do que podia.

A prenda foi muito mimada,
Rendas, sapatos - vestidos,
Ficou formosa a danada,
Mas tinha um olhar fingido,
Dizia-se louca - apaixonada,
Janguta a olhava perdido.

Quando chegou o verão,
Chegou a infelicidade,
Desembarcou o João,
Vindo da universidade,
Era o filho do patrão,
Em toda a sua mocidade.

Lembrou-se então do evento,
De toda a sua agonia,
No galpão trançava um tento
E programava a tosquia,
Quando lhe contou o vento
Que seu amor lhe traía.

Descobriu que a Marcina,
Dona de seu coração,
Era ave de rapina
Que só lhe vendia ilusão,
Se de noite era sua menina,
De dia era menina do João.

Rameira, dissimulada,
Com alma de ventania,
Era da pá virada
E tudo de bom queria,
Pra ter a vida sonhada,
Usava de covardia.

Janguta chegou em casa,
Ela falou de mansinho:
- Não quero brigar contigo,
Entenda só, meu benzinho,
Comer filé com amigos
É melhor que pescoço sozinho!

O orvalho pingava da planta,
Ao longe se ouvia um cantar,
Um nó lhe cresceu na garganta,
Pensamentos a lhe atormentar,
Corria de casa a percanta,
Ou os chifres se punha a lustrar.

Penou ao tomar a decisão,
Mas chega de velhacaria,
Que fique a china com o João,
Exclamou com sabedoria,
Mulher, cachaça e sabão
Existem em qualquer freguesia.



VELHO E CISMADO

Rastros de um Sonhador

Sou velho de muitas eras,
Extraviado neste mundo,
Vivi sempre em primaveras,
Feliz em meu vagamundo,
Alegres são minhas quimeras,
Em sonhos sempre profundos.

Fui o beijo da prostituta,
Que não gosta de beijar,
Fui a manhã de quem luta
Para o almoço comprar,
O movimento da batuta
Que fez a orquestra tocar.

Fui o lampião que clareou
Um galpão de madrugada,
Um pássaro que chilreou
Na beira de uma estrada,
Fui a maré que escoou,
Levando livre a jangada.

Da onda fui a espuma,
Fui a curva da coxilha,
A delicadeza da bruma,
No oceano uma ilha,
Com a leveza da pluma,
Escrevi o amor em cartilha.

Da poesia fui o verso,
Da fome eu fui o pão,
Da moeda fui reverso,
E quebra lá no rincão,
Fui estrela no universo,
O suspiro da paixão.

Fui fagulha da fogueira,
Fui o salgado do mar,
A água da cachoeira,
O fogo, a terra e o ar,
Fui o tostão na carteira.
Fui o desejo de amar.

Triste é me acostumar.

Cismo com tudo que fui...
Cismo o que fui ao sonhar.

RECUERDOS

- Pois é, paisano! A invernia nos pegou de jeito, além do frio, esta garoa, que deixa tudo na umidade... Pois não há de vê! Na noite passada deitei meio desprevenido, meu rancho tem umas frestas que preciso consertar, colocando uns sarrafos. O vento frio assobiou por ali a noite toda, me acordei de madrugada, gelado, tive quer puxar o bichará para me aquecer.

Alevantei-me, com o corpo meio ruim, resfriado, espirrando, com dor nas juntas, e pela tarde começou a me coçar a garganta.

Na hora da Ave Maria, ruinzote no mais, resolvi pedir socorro para minha amiga e vizinha, a Maria Roncadeira.

Vancê sabe, nestas horas nada melhor que uma mulher para ajudar a gente.

Lá chegando ela me olhou com um olhar clínico, pôs a mão em minha testa e foi exclamando – Que bruta febre, homem de Deus!

Olhei para minha velha amiga e, embora com o nariz entupido, senti no ar aquele perfume de mulher recém-banhada, e na minha testa ficou aquele cheirinho de creme hidratante para as mãos.

- Senta aí, enquanto conversamos, vou fazer um chá para te arribar! Chá de poejo, uma colher de mel,

um dente de alho. Quando estiver grosso, denso, eu coloco um tição, uma brasa viva, desta lenha que é de camboatã, como simpatia, para te curar, logo, logo vais ficar bom.

Ela se foi em direção ao fogão, baixusca e rechonchuda, com um vestido de chitão todo floreado. O cabelo, pra esconder os brancos, pintado na cor gema de ovo, estava preso deixando aparecer o pescoço.

No calor do fogão dava para ver, nos vincos da gordura, gotas de suor que brilhavam como brilha o sereno no frio das madrugadas. Ela, como de costume, com seu lencinho alvo e rendado, ia enxugando o suor do rosto e do colo, com força, como se quisesse tirar as sardas que ali habitam com fartura.



- Compadre, quando eu faço estes chás eu me lembro sempre do Arcides, você lembra quem é?



- Sim, o Alcides, aquele que morava aí na rua de cima, gente boa e servideira.

- Isso mesmo, isso mesmo, o Arcides!

- Enquanto o chá aquece deixa eu te contar!

- É bom que eu te diga, paisano, que a Maria quando pega um vivente para conversar, sai da frente... e ela prosseguiu:

- O Arcides era metido a fazer umas xaropadas, umas garrafadas, enfim, uma remediama com ervas que o povo usava para tirar o catarro das gripes, bronquites, aliviando os fumantes e por aí vai.

Você sabe! Naquele tempo, médico havia muito pouco e era caro; o pessoal do interior para vir à cidade era a cavalo, de carroça ou de aranha, viagem às vezes pra mais de dia. Então se apelava para os raizeiros, os benzedores, as parteiras e curandeiros de toda espécie.

Olhe! Vá agora tomando o chá, devagarzinho, pois tá quente, pingue umas gotas de limão e tome este comprimido pra baixar a febre. Tome devagarzinho!

O Arcides fazia também umas pomadas, com sebo de ovelha e mais uns produtos perfumados, que era uma beleza na época fria, para rachaduras na pele e frieiras. As moças até algumas chinas que vinham da rua de baixo, adoravam e compravam.

Gosto de lembrá-lo, sempre bem arrumado, cabelo grisalho e ralo, pentiادito prum lado, bombacha com favos, botas de cano alto e lenço vermelho no pescoço.

Se alguém falava do lenço maragato, ele exclamava – Este vai me servir de mortalha!

E o neto do Arcides? Lembra daquele gurizinho esmilinguido que andava grudado no velho dia e noite? Magrinho que apareciam os fios da costela, cabeçudo, pescoçudo e com uns dentões brancos, que quando sorria a gente só via dente. Não é que ele fosse feio; ele era magro. Pela magreza, ficava cabeçudo, pescoçudo e dentuço.

A magreza do piá não era por falta de boia. Lá tinha fartura! Acontece que o guri não parava, tinha bicho carpinteiro. Se não tava com o avô, andava de calçãozinho, correndo atrás de bola, jogando bolita, arranca-toco e matando passarinho com um bodoque de forquilha de goiabeira, farquejado bem aqui no fundo de minha casa.

Meu amigo, hoje à noite, faça um gargarejo com vinagre, sal e bicabornato. Pegue um papel de embrulhar pão, dobre, coloque bastante álcool e enrole no pescoço. Prenda com uma manta. Se não tem manta, enrole com um pano de prato. Por falar em pano de prato, acho bom você trazer, todos, pra eu dar uma alvejada, pois aqueles seus panos estão encardidos.

Falou baixinho entre dentes, mas eu ouvi - Esses homens não prestam para nada! E como era o seu costume de mulher matraca, que não para de falar, continuou:

- Deixa eu te contar! Pois certa feita, eu presenciei o fato, tava o Arcides todo pachola⁴⁸, no alpendre em frente à sua casa, ele, a mulher e o neto.

Eu conversava com a Dona, quando chegou um gaúchito, vindo lá dos lados do Bom Recreio. O gaúcho deu um buenas, batendo com dois dedos na aba do chapéu, apeou de um belo cavalo milhado e, arrastando as chilenas⁴⁹, se achegou para a área e para o chimarrão. Já conhecia os moradores e pediu um xarope para a mãe que estava com o peito muito atacado, bronquite.

Conversa vai, conversa vem, entendi de logo que a mãe do moço era alcoólatra, ou seja, bebida naqueles campos, nem falar.

Chimarream conversando sobre lidas campeiras, pegaram os avios e preparam palheiros, com um fumo amarelinho e cheiroso. Deram umas tragadas, expeliram uma fumaça branco-azulada que subiu aos céus formando espirais. O desempenado, levantou e deu sinais de ir embora. O Arcides mandou o neto, aquele magrinho, que tava com uns oito anos, buscar o xarope, que segundo ele estava no quarto, ao lado da cômoda.

⁴⁸ Pachola – Elegante, apurado no trajar,

⁴⁹ Chilenas – Espora com rosetas muito grandes em forma de serrilhas.

O menino trouxe uma garrafa, de vinho, não sei se eles viram, mas eu vi. Ainda tinha o rótulo, cor escura, tapada com rolha. Entregou-a, ele deu o dinheiro para o guri que passou para o avô.

O índio montou no zaino⁵⁰, colocou a garrafa no embornal e se mandou a lá cria.

Três dias depois o gaúcho e o zaino voltaram e, como se diz hoje em dia, voltou puto da cara.

- Mas..., deixa-me fazer um atalho, pois este foi um dia maledeto. Recordo-me bem, era uma terça-feira, 24 de agosto, corria o ano de 1954, foi anunciada a morte do Presidente Getúlio Vargas.



Depois do almoço, de ter feito minhas obrigações, minha sesta, subi a rua em direção à Avenida, pra ver se havia algum bochincho pela morte do homem. Foi quando, passando em frente à casa do Alcides, eu presenciei o acontecido e me acheguei, pois afinal eu era gente dali.

- Seu Alcides, ao invés do xarope, eu levei vinho! O menino, seu neto, trocou as garrafas! A mamãe descobriu na primeira colherada, escondida bebeu tudo, ficou faceirita, dançando num pé só. Foi uma mão de obra danada.

Percebi que o gaúcho ao contrário da outra visita, três dias antes, quando veio comprar o xarope, não usava o seu belo lenço vermelho com nó maragato. Perguntei – Ué, seu moço, e o seu lenço? Tá de pescoço limpo! Ao que ele me respondeu:

– Dona Maria, pela manhã, soubemos do suicídio do presidente. Tenho muitos amigos getulistas que estão com o peito dolorido. Embora o meu posicionamento,

⁵⁰ Zaino – cavalo de pelo castanho-escuro e uniforme, sem manchas.

em respeito a eles, tirei meu lenço, não é hora de fazer inimizade.

O Arcide, que vivia, como falei, com o seu lenço pra cima e pra baixo, fazendo ponto e papeando pelas esquinas, olhou-nos e disse – Concordo contigo, Nicanor, eu mesmo vou ficar aqui por casa hoje, não vou sair para a rua, mas não tiro o meu lenço!

Estão falando por aí, que hoje à noite vai ter comício em honra ao presidente e que depois grupos vão tomar satisfação com os velhos maragatos. Admito o comício, é um direito. Agora, se vierem tirar satisfação, vão nos encontrar preparados. Nossas armas, minha e de meus filhos, estão sendo azeitadas...

Mudou de assunto e continuou:

- Nicanor, seu moço, eu percebi a troca logo que tu foi embora, mas não tinha como avisar. O menino tem culpa, mas é pouca, foi um acidente, pois meu quarto onde estavam às garrafas é meio sombrio, por efeito de uma laranjeira bem na janela. Neste lusco-fusco, e as garrafas são todas de cor escura, fez-se a confusão. Me desculpa, pois já vendi tanto xarope para vossa família e nunca aconteceu uma desgraça destas.

- Mas se achegue, vamos tomar um mate, ou preferes uma cana com butiá? Vamos acertar essa desfeita!

O Nica apeou, sentou num banco e deu uma bicada na cana. O Arcides devolveu o dinheiro, deu outro litro do xarope e de lambuja um pote de creme para a pele.

- Leve este creme para sua mãe passar nas mãos e no garrão, ela vai gostar.

Tomaram a cana com butiá, arremataram com um baio de fumo amarelinho, abraçaram-se, sorriram, e a amizade que já era firme continuou.

- Mas fazendo caravolta, amigo véio, falando ainda desse dia 24 de agosto, o Alcides tinha razão, pois naquela noite houve quebra-quebra e morte, mas os arrua-ceiros felizmente não chegaram aqui pros nossos lados.



- Foi um dia diferente. Lembra-te do Hermenegildo, aquele mulato que morava na rua de baixo, que tinha um escritório de publicidade, lidava com propaganda, coisas que eu não entendo direito? Pois o vivente tinha namoro com a Karla, filha daqueles alemães que moravam na outra esquina, plantadores de tomate e outros legumes. Eles eram contrários ao namoro. - Onde já se viu uma branquinha, como nossa filha, namorar e casar com um preto carvão como o Gildo? Falavam eles para a vizinhança.

A Karla ficava presa em casa, proibida de sair, mas você sabe, namoro contrariado..., ficava lá, quietinha, fazendo seus crochês, seus tricôs, enfeitando lençóis e panos de prato, tudo o que era de enxoval.

Mas o Gildo tinha suas malandragens, dava uns pilas pruns piás e mandava bilhetes para a Karla.

A Karla era uma alemoa de corpo fino, olhos verdes acinzentados e cabelos loiros escorridos, que, por causa do namoro, da paixão e mesmo pra contrariar os pais e irmãos, pintava agora de preto, cortava curto e ondulava, untava a pele alva com uns produtos cremosos, ficando, assim, com a tez mais amorenada.

Aproveitando o rebuliço, quando os alemães, tudo getulista de quatro costados, foram para o centro assistir o comício em homenagem ao presidente Vargas o "Pai dos Pobres". Veja compadre a política é interessante, de quando em vez, aparece um pai dos pobres, e mesmo com tantos pais os pobres aumentam e continuam pobres.

O Gildo tinha um auto, um Ford, que chamavam de bigode, não sei por quê! Juntou a Karla e seus trapos e se mandaram pruma pensão lá em Marau. Ficaram em lua de mel por uns três dias, voltaram e casaram.

A alemoada se revoltou, não aceitavam aquela união de jeito nenhum. Mas você sabe, o tempo passa, chegaram os netos, tudo moreninho de olhos verdes, os avós se derreteram, assim se acabou a malquerença.



Anos depois, no velório do Arcides o Nicanor estava lá, perguntei de sua mãe, ele tirou o chapéu, olhou para o céu e disse com olhos em lágrimas: - Faleceu na semana passada.

Mudando de assunto, Dona Maria, eu precisava falar, pois só ela conversava, indaguei.

- Tem notícias do neto do Alcides?

- Uns dias atrás numa charla que tive com o Miguel. Sabe de quem tô falando! Não sabe? Pois é este mesmo! Eu vi o Miguel crescer, vi ele nos cueiros, fui eu que segurei ele no colo no dia do batizado, tanto é que me chama de madrinha.

- Neste dia o Miguel me contou que o neto do Arcides que foi guri com ele tá morando no norte. Diz que tá bem, tem uma gadaria de primeira e de vez em quando mexe com uns inscritos.

Falam, por aí, que é muito mentiroso em suas lavras, escreve para sonhadores, preste povo que vive com a cabeça na lua, nas estrelas, vive de imaginação. A gente que tem mais idade não compensa ler estas mentiragens. Acho que puxou pelo Arcides, gente boa e servideira, mas queimava um campo...!

- Um dia destes passei também um corretivo no Miguel, um pito, pois me contou o vento que o deslavado do meu afilhado anda com uma gentalha, sentado por uns bares, ali praqueles lados, onde foi o Cassino da Maroca, tomando umas saideiras.

Quando o encontrei já fui perguntando.

- Miguel! Quem é esta gentama que você anda encontrando por bares no meio da tarde? Isso não é coisa de homem trabalhador!

- Madrinha, não se preocupe, é tudo gente boa. O povo fala demais, e isso é lá de vez em quando!

- Miguel! E esta tal de saideira?

- Madrinha, isso é bobagem, conversa fiada. É só uma bebidinha gostosa!

- Então saideira é apenas um achocolatado?

- Ele se prendeu a rir - Madrinha querida, não se preocupe com isso...

Me deu um beijo na testa e foi embora, eu fiquei olhando ele caminhar. O danado pensa que não sei o que é saideira, é Polar, é Serramalte e outras mais..., é outro que vive sonhando, no mundo das nuvens. Eu com essa minha idade ter que ouvir estas coisas.... É outro mentiroso!

Meu amigo, já escureceu, você não pode pegar sereno. Vá pra casa, es quente e tome a sopa que coloquei nesta vianda, te ponha cedo na cama, não esqueça de colocar o papel com álcool na garganta, se cubra bem, venha amanhã para eu ver como você está.

- Sabe que o tratamento da Maria Roncadeira foi buenacho? Gosto de visitá-la, sempre tem um causo pra animar a gente... Logo, logo eu volto lá, aproveito e levo os panos de prato pra ela dar um trato, para ela alvejar. Dentro da sacola coloco uma rapadura, que é para ela adoçar a boca.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

O autor de *Proseando sobre Pelegos* (Projeto Passo Fundo, editora Berthier, 2014), oferece-nos agora.

Mateando Saudades

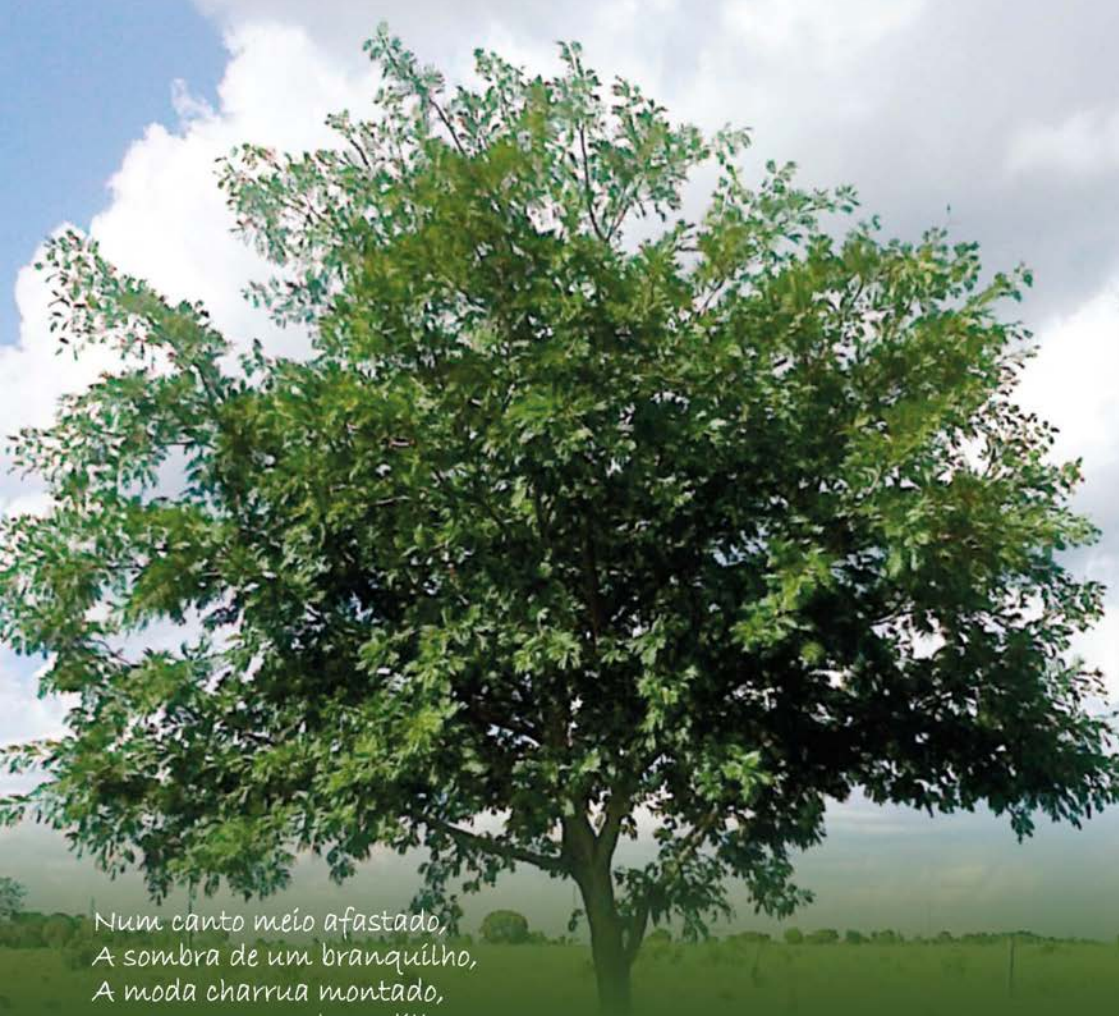
Telmo Gosch, como ele mesmo se define, encontra-se “perdido neste mundão de meu Deus”, no cerrado tocantinense de imensuráveis belezas: Araguaia, Tocantins, Cantão, Jalapão... A magia destas águas, serras, terras e matas remexem as saudades da querência, do pago e inspiram poesias.

Nascem desta mescla poemas e contos que ambientaliza os costumes e os encantos do cerrado tocantinense em contraponto com a beleza da terra gaúcha.

O imaginário aqui reunido chama aos conterrâneos e a todos os gaúchos que invadiram e continuam invadindo o Brasil a degustarem poesias e contos matando e mateando as saudades que teimam em invadir a alma gaúcha.

Neste trabalho Gosch nos presenteia com seus primeiros contos e nos apresenta Maria Roncadeira, a carismática dona de pensão Dona Maria. Neste local se desenvolvem enredos típicos do comportamento e da tradição gaúcha.

O autor peregrina pelos costumes da terra gaúcha, ao passado de nosso Rio Grande, de tantas guerras, revoluções, lendas, tradições... E carinhosamente nos brinda com a leveza e a rudeza dos poemas e contos gaudérios que com certeza serão lidos e relidos matando saudades, assim como a água mata a sede.



Num canto meio afastado,
A sombra de um branquilha,
A moda charrua montado,
Um negro e seu douradilha,
O crioulo era estampado,
Num trajar de andarilha.

Descanso arreio e apéiros,
Numa forquilha de aroeira,
O gualpeca chega ligeiro,
E deita junto à cadeira,
Do amargo sinto o cheiro,
Chia a água na chaleira.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre

